

## Editorial

Cristina C. Vieira<sup>1</sup>  
Ana Maria Seixas<sup>2</sup>

Num momento de grandes desafios sociais e individuais impostos pela inesperada situação de pandemia, mas também pela angustiante e permanente instabilidade geopolítica do mundo em que vivemos, a *Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (SPCE) publica finalmente o volume duplo, relativo aos números 8 e 9, de 2019, da Revista *Investigar em Educação*. Nele estão reunidos 17 contributos que foram selecionados de entre mais de uma centena de textos que, a partir das comunicações apresentadas no XIV Congresso – *Ciências, Culturas e Cidadanias* – realizado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em 2018, foram enviados para a edição das Atas. Os trabalhos que integram esta publicação passaram por um processo de revisão por pares e em alguns casos houve novo contacto com os/as autores, para pequenos ajustamentos, tendo em vista a preparação da versão final. As duas organizadoras deste número devem um pedido de desculpa aos leitores e principalmente a todos os/as colegas que esperaram, pacientemente, vários meses por esta publicação.

As investigações empíricas e as reflexões teóricas que deram corpo aos textos agora publicados foram desenvolvidas e redigidas sobretudo nos últimos dois anos, num período em que nada fazia prever a mudança das nossas rotinas e em que a crença no valor fundamental do aprender e do ensinar eram a alavanca para a produção de conhecimento científico em educação. As nossas vidas mudaram, mas estamos certas de que esta esperança no poder da educação para a transformação social, seja no combate a todas as formas de desigualdade e de discriminação advindas de fatores estruturais, seja pelo empoderamento dos diversos agentes educativos para a promoção daquilo a que Paulo Freire chamou o “Ser Mais” se mantém em todas as pessoas que acederam contribuir para este volume.

É conhecida a utopia de que a ‘educação pode mudar o mundo’, mas para todos/as os/as que trabalham nas Ciências da Educação essa convicção permanece, pois sabe-se que as pessoas com menos acesso a oportunidades educativas e à liberdade de pensamento e de salutar discussão de ideias são mais propensas a sofrer atropelos aos seus direitos, menos capazes de cumprir de forma autónoma e crítica os seus deveres e possuem, certamente, menos domínio da sua vida. Estas são preocupações centrais na promoção de uma

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, e Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (CEAD), da Universidade do Algarve, Portugal, vieira@fpce.uc.pt

<sup>2</sup> Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, e Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra, Portugal, anaseixas@fpce.uc.pt

vivência cidadã, que implica o cuidar de si, das outras pessoas e do planeta, e às quais as ciências e a(s) cultura(s) não podem ficar alheias.

Os trabalhos agora publicados dão conta da pluralidade do campo de investigação e de práticas das Ciências da Educação, abrangendo contextos formais e não formais de educação, onde a diversidade de aprendizagens e a ação dos diversos atores dos espaços educativos são analisadas sob diversos prismas e à luz de diferentes correntes teóricas. Salienta-se ainda a natureza transversal e multideterminada dos inúmeros projetos de intervenção apresentados, muitos deles desenvolvidos com uma perspetiva interdisciplinar que convoca a participação de investigadores/as de outras áreas do saber. São também diversas as vozes dos/as participantes nas investigações que foram escutadas, fossem eles crianças em atividades de educação pré-escolar, adolescentes do ensino secundário, estudantes universitários, docentes envolvidos em ações de formação contínua, professores/as supervisores/as ou líderes de instituições educativas (lista não exaustiva). Há ainda a realçar o lastro riquíssimo de que os/as investigadores/as em Ciências da Educação e de áreas afins dispõem, de colegas que os/as antecederam e cujas ideias, métodos pedagógicos e materiais didáticos resistiram à expectável obsolescência de alguns saberes e técnicas, e permanecem como recursos extremamente valiosos. Mas, a dimensão da tecnologia também está presente nos temas tratados neste volume duplo, sendo apresentada em diferentes casos como recurso pedagógico para o processo de ensino/aprendizagem de temas diversos, integrantes do quotidiano de crianças e jovens. Neste enquadramento, é inevitavelmente trazida para a discussão a importância do desenvolvimento, em qualquer idade, da autonomia crítica, para se saber lidar com a informação que é veiculada por diferentes meios.

Dada a especificidade deste volume da Revista, os 17 artigos foram organizados numa secção única, sem subdivisões, não havendo artigos encomendados nem textos escolhidos para a habitual parte da Antologia. São 44 os/as autores/as que colaboram nestes dois números de 2019, sendo 38 de instituições portuguesas do ensino superior, dois de agrupamentos nacionais de escolas do ensino básico e quatro de universidades brasileiras. Passamos a apresentar brevemente cada um dos artigos selecionados, pela ordem em que aparecem, usando por vezes excertos do texto dos respetivos resumos.

O primeiro artigo, de Teresa Santos e de Maria Palmira Alves, da Universidade do Minho, intitula-se *Currículo e avaliação: uma perspetiva integrada*. O trabalho empírico desenvolvido teve como objetivo principal compreender como perspetivam os professores a influência das políticas curriculares e de avaliação no sucesso dos alunos. Para tal, as autoras fizeram um estudo qualitativo num Agrupamento de Escolas da região Norte de Portugal através de uma entrevista semiestruturada a professores que lecionavam no 2º e 3º ciclos do ensino básico e desempenhavam cargos de coordenação em programas relacionados com o sucesso escolar e de direção de turma.

O segundo artigo é da autoria de duas autoras e de um autor da Universidade Católica Portuguesa, Sílvia Amorim, Ilídia Cabral e José Matias Alves, e tem como título *As escolas fazem a diferença: o papel das lideranças e*

da cultura escolar. Partindo do pressuposto de que a qualidade da liderança e a cultura escolar podem ser fatores importantes para explicar a variação dos resultados dos alunos entre escolas, o estudo apresentado caracteriza o papel das lideranças e da cultura escolar de duas escolas com resultados académicos diferentes, mas com contextos e populações estudantis semelhantes. Os dados recolhidos confirmam que a existência de diálogo, debate pedagógico e cooperação entre professores, bem como, sentido de pertença, transformação e proximidade entre os docentes são aspetos essenciais para o sucesso escolar dos alunos.

No terceiro artigo, *Identidade(s), mudança e desenvolvimento profissional*, de Alexandra Cabral e Isolina Oliveira, da Universidade Aberta, as autoras apresentam as conclusões que retiraram de um estudo de caso de cariz etnográfico e que envolveu uma triangulação de fontes, o qual teve como finalidade a análise e a reflexão sobre as lideranças intermédias e as práticas de trabalho colaborativo. Dos dados obtidos resultaram reflexões sobre a eventual contribuição das lideranças, formais e informais, para a construção de uma via de desenvolvimento profissional simultaneamente integradora e proficiente.

No artigo que surge em quarto lugar, Francisco Guimarães e Maria do Céu Roldão, da Universidade Católica Portuguesa, refletem sobre *A educação para a cidadania e o programa de Educação Moral Religiosa Católica – edição de 2014 (P-2014): sob o olhar de Pedro D'Orey da Cunha*. Este trabalho insere-se numa investigação de doutoramento do primeiro autor, cuja questão principal consistiu em saber como o P-2014, enquanto prescrição macrocurricular, articula a relação tensional entre um currículo para todos e um ensino confessional próprio de alguns. Com base numa extensa análise documental, os autores concluem, ainda que provisoriamente (atendendo ao trabalho feito até à data da preparação do texto), pela existência de inconsistências no equilíbrio entre um currículo desenhado para todos/as os/as alunos/as e uma educação confessional apropriada apenas a alguns.

Em quinto lugar, Joaquim Pintassilgo e Alda Andrade, da Universidade de Lisboa, assinam o artigo *O património educativo ao serviço de uma escola alternativa – A Cooperativa A Torre*. Tendo como alicerce o valioso e diverso acervo fotográfico da instituição escolar analisada, foi objetivo dos autores estudar o património educativo desta escola, evidenciando as características do seu projeto educativo e das pedagogias adotadas ao longo do tempo. Do ponto de vista metodológico, partiram da premissa de que os objetos utilizados na escola decorreram das pedagogias que foram sendo privilegiadas em cada época. O trabalho apresentado insere-se num projeto português financiado, mais vasto, que é liderado pelo primeiro autor e de cuja equipa fazem parte cerca de duas dezenas e meia de investigadores.

Ana Isabel Teixeira, Maria José Magalhães e Pedro Ferreira, da Universidade do Porto, são, respetivamente, as autoras e o autor do artigo que surge em sexto lugar, com o título *Género e cidadania: configurações da intervenção socioeducativa das organizações da sociedade civil*. A partir da

investigação de doutoramento da primeira autora, neste trabalho é discutida a relação entre a escola e as organizações da sociedade civil (OSC) que desenvolvem intervenções de natureza socioeducativa sobre cidadania e género em contexto escolar. Foi objetivo dos três estudos desenvolvidos identificar o papel que as políticas públicas exercem na configuração dessa relação, bem como caracterizar o universo conceptual e ideológico que subjaz à atuação das diferentes OSC e entender as dinâmicas estabelecidas entre as diversas partes.

O sétimo artigo, de três investigadoras do Instituto Politécnico de Portalegre, Amélia Marchão, Susana Porto e Teresa Coelho, tem como título *Abordagem pedagógica integrada na educação pré-escolar: o projeto Kiitos@21st Century Preschools*. O trabalho apresentado é um estudo de caso que foi desenvolvido no âmbito do projeto mencionado, que é de cariz internacional, com apoio financeiro do Programa Erasmus+. Visa uma abordagem pedagógica integrada na educação pré-escolar, promovendo a aprendizagem de uma segunda língua (inglês), a educação musical e as competências para o século XXI. O objetivo geral da pesquisa efetuada consistiu em identificar as representações de docentes sobre o projeto em geral, especificando os contributos para a aprendizagem das crianças e as oportunidades formativas oferecidas às/ aos próprias/os docentes, em prol da melhoria da sua ação educativa.

Em oitavo lugar surge o artigo da autoria de João Rocha, do Instituto Politécnico de Viseu, com o título *Prática de ensino supervisionada: contributos da supervisão pedagógica para o desenvolvimento profissional dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. O estudo de natureza qualitativa desenvolvido, com recurso à técnica da entrevista, pretendeu averiguar as representações de responsáveis educativos pela formação inicial de professores/as e de especialistas nacionais de supervisão em relação aos contributos da supervisão pedagógica para o desenvolvimento profissional de futuros/as profissionais em ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. As principais conclusões do estudo evidenciam o papel central da supervisão pedagógica no desenvolvimento profissional de futuros/as professores/as.

De um grupo de quatro investigadoras e um investigador – Cristina Mesquita, Elza Mesquita, Maria José Rodrigues, Mário Cardoso e Cristina Martins – do Instituto Politécnico de Bragança, surge o nono artigo, intitulado *Relatórios de prática de ensino supervisionada: opções investigativas dos futuros professores*. Este trabalho teve como objetivo central apresentar uma sistematização da dimensão investigativa concretizada no âmbito dos relatórios finais de Prática de Ensino Supervisionada, concluídos desde 2014/2015, no Instituto Politécnico de Bragança, nos mestrados em Educação Pré-Escolar, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Como se pode ler no artigo, as conclusões mais assinaladas nos relatórios analisados mostram claras evidências de que a investigação é essencial para a melhoria das práticas em contexto.

Em décimo lugar encontra-se o artigo *Género e TIC: representações e práticas de docentes de TIC*, da autoria de Eduarda Ferreira, da Universidade

Nova de Lisboa, e de Maria João Silva, da Escola Superior de Educação de Lisboa. Considerando as desigualdades de género ao nível das práticas digitais e das profissões relacionadas com as TIC que a investigação tem vindo a documentar, o trabalho apresentado teve como objetivo explorar como é que os/as docentes constroem as suas relações com as TIC e como é que as representações sociais de género fazem a diferença nessa construção. Os dados apresentados são parte integrante de um projeto mais alargado que foi desenvolvido em várias etapas, tendo os grupos focais com docentes de TIC constituído a última fase. Das conclusões obtidas, as autoras deixam inclusive recomendações para o delineamento de práticas educativas destinadas a promover a equidade de género nas TIC.

São seis os autores do artigo que aparece em décimo primeiro lugar, sendo três do Instituto Politécnico de Viseu (Cristina Gomes, Anabela Novais e Isabel Abrantes), um do Instituto Politécnico de Lisboa (Maria João Silva) e dois (Dinis Saraiva e Leonor Dias), docentes em Agrupamentos de Escolas. O trabalho intitula-se *O projeto Eco-sensors4health: explorando a integração significativa das TIC nas práticas letivas da formação inicial de professores*. Este trabalho apresenta um estudo exploratório integrado no projeto Eco-sensors4Health, o qual pretende empoderar as crianças do 1.º ciclo do ensino básico na promoção da saúde ambiental nas suas escolas. O estudo envolveu oito estudantes de licenciatura em Educação Básica, que desafiaram crianças de duas turmas do ensino básico a investigar sobre o conforto térmico das suas escolas e a propor ações de melhoria da qualidade ambiental.

Em décimo segundo lugar encontramos o artigo de Cristina Mesquita, Maria José Rodrigues e Rui Lopes, do Instituto Politécnico de Bragança, com o título *Distintas percepções dos formandos sobre a educação pré-escolar: uma análise de clustering*. Salientando a importância de uma reflexão profunda sobre os atuais modelos de formação de professores/as e educadores/as, o estudo em análise procurou analisar as percepções que os formandos do 3.º ano do curso de Educação Básica e os formandos do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e 1.º CEB têm sobre a educação de infância e a forma como o modelo de formação os prepara para o exercício profissional. Através de um questionário disponibilizado online, os resultados obtidos mostram que os alunos de educação básica sentem que são preparados para todos os níveis educativos. No entanto, os alunos de mestrado realçaram algumas fragilidades do modelo de formação, havendo aspetos particulares da educação de infância que deverão ser reforçados em eventuais reestruturações dos modelos de formação em vigor.

O artigo que surge em décimo terceiro lugar é de quatro investigadoras da Universidade de Coimbra, Sara Ferreira, Maria Isabel Festas, Maria Helena Damião e Maria Prata, e tem como título *A instrução estratégica do SRSD na escrita do ensaio de opinião*. As autoras apresentam os resultados de um estudo quase-experimental, que foi desenvolvido com uma amostra alargada de alunos do 8º ano de escolaridade, onde foram adaptadas as estratégias do *Self-Regulated Strategy Development* (SRSD), relacionadas com a planificação, a escrita e a revisão do ensaio de opinião e do texto expositivo, bem como estratégias de

autorregulação da aprendizagem. Para a sua concretização foram desenvolvidos dois programas de intervenção, integrados nas aulas de Português, com o objetivo de averiguar a eficácia do ensino destas estratégias nas tipologias textuais supramencionadas e verificar se a aprendizagem de uma determinada tipologia é transferível para outra.

Em décimo quarto lugar é apresentado o estudo de Catarina Dour e Natália Alves, da Universidade de Lisboa, que o intitularam *Transição para o ensino superior dos estudantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa: aprendizagens e desafios académicos*. As dificuldades e desafios da transição para o ensino superior dos estudantes oriundos dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) constituem o foco de análise do trabalho das investigadoras, que se insere na pesquisa de doutoramento da primeira autora. A partir de entrevistas de cariz biográfico a 22 estudantes dos PALOP da Universidade de Lisboa, foi possível concluir que a transição para o ensino superior é um acontecimento biográfico que coloca aos/as jovens um vasto leque de desafios de natureza individual, educativa e social e este acontecimento assume ainda maior complexidade ao implicar o confronto com um conjunto diversificado de outras transições.

Da autoria de José de Sousa, da Universidade de Brasília (Brasil), e de Rovênia Borges e Almerindo Afonso, da Universidade do Minho, surge em décimo quinto lugar o artigo *World-class universities? A dimensão social na mobilidade internacional de estudantes*. Este trabalho de natureza teórica aborda de modo reflexivo o conceito pouco consensual de *world-class universities*, adotado pelos autores para designar as instituições no topo dos rankings internacionais em determinadas áreas do conhecimento. Os dados estatísticos disponíveis sobre os rankings mundiais dessas instituições vão ao encontro da visão de diversos autores, de que as *world-class universities* são aquelas que possuem o inglês como língua materna, estão situadas no Norte Ocidental e se inserem em economias mais fortes, o que compromete, em última análise, a dimensão social da mobilidade internacional, por praticamente impedir a inclusão de outros estudantes fora dessa geografia, com recursos mais parcos e não falantes de inglês.

Isabel Calado, da Escola Superior de Educação de Coimbra, assina o artigo que aparece em décimo sexto lugar, com o título *Online na vida, off-line na condução*. Neste trabalho a autora apresenta uma reflexão em torno da necessidade de apostar na educação, nos seus mais diversos contextos, para desenvolver nas pessoas de todas as idades a autonomia crítica, que é indispensável para saberem lidar com a informação que surge permanentemente de várias fontes. No entender da investigadora, que aborda de forma particular a Literacia Visual, a Educação para os Media deverá centrar-se na promoção dessa capacidade crítica, que permite escolher, escrutinar e desocultar os significados construídos pelos media, levando quem aprende a fazer um equilíbrio entre a navegação ou imersão no sistema e o distanciamento, para conseguir 'ver de fora'.

Por fim, o artigo que encerra o volume e aparece em décimo sétimo lugar é da autoria de três investigadoras brasileiras, duas da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Montes Claros (Luciana Lenoir e Silvana Cordeiro) e uma da Universidade Estadual de Montes Claros (Luci Martins), intitulado *Conjuntura histórica e sociopolítica da educação em direitos humanos no ensino superior do Brasil*. Neste trabalho as autoras refletem de um modo bastante aprofundado sobre o enquadramento histórico e sociopolítico da construção dos instrumentos normativos e estratégicos que determinaram os fundamentos teórico-metodológicos dos valores e das práticas da educação em Direitos Humanos no Brasil. Partindo de uma investigação documental que implicou um amplo levantamento bibliográfico, são identificados os parâmetros didáticos que presidiram à escolha dos conteúdos curriculares sobre Direitos Humanos, especialmente ao nível do ensino superior, sendo debatidas também as competências e habilidades que é suposto promover nos/as estudantes e ver personificadas nos/as docentes, de forma a que o processo de ensino/aprendizagem contribua efetivamente para o respeito e para a consolidação da cultura dos direitos humanos.

Em suma, quer a análise seja centrada nas reflexões de quem ensina – sobre a sua identidade profissional, os currícula e/ou as práticas docentes, entre outros aspetos, – quer o foco se coloque sobre quem aprende, partindo de uma visão holística do ato de educar, retomamos, para finalizar, o pensamento de Paulo Freire, com o intuito de sintetizar a postura humanística e ética de todos/as os/as autores e autoras que assinaram os artigos que integram este volume: a educação não transforma o mundo; a educação muda as pessoas e elas transformam o mundo.